

SEU GARÇOM ME EMPRESTA ALGUM DINHEIRO QUE EU DEIXEI O MEU COM O BICHEIRO: UM TAL MANÉ COCO E A SOCIABILIDADE COM OS PADEIROS NO CAFÉ JAVA

Paulo César Freire Sá¹

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19981190>

19

RESUMO:

O objetivo principal deste artigo é analisar as práticas em Quiosques e Cafés de Fortaleza, que geraram redes de sociabilidade nestes locais. Essas práticas urbanas redefinem os Cafés, fazendo com que não possam ser observados somente como espaços de comércio, a partir disto são criadas também práticas de distinção, por parte de intelectuais que buscam se destacar naqueles espaços e dar a ele a sua feição. Para tal estudo, buscamos aqui um olhar mais específico, analisando a relação a partir da tríade – Mané Coco, Java e os padeiros. Essa relação acaba atravessando a história dos cafés da cidade na transição do século XIX para o XX, possibilitando estudar como um grupo de intelectuais se manifestava ao cruzar o caminho de um proprietário vindo do interior e um espaço que buscava sobreviver em meio as transformações da capital cearense.

Palavras - chave: Cafés; Práticas Letradas; Sociabilidade; Mané Coco; Padaria Espiritual.

ABSTRACT:

The primary aim of this article is to analyze practices in the kiosks and cafés of Fortaleza that fostered networks of sociability within these venues. Such urban practices redefine cafés, showing they cannot be understood solely as commercial spaces; rather, they also become stages for distinction strategies by intellectuals eager to leave their mark and impart their own character. To this end, we adopt a focused lens on the triad—Mané Coco, Java, and the bakers. This relationship traverses the history of the city’s cafés during the turn from the nineteenth to the twentieth century, offering a means to examine how a circle of intellectuals positioned themselves between an owner from the interior and an urban space struggling to survive amid the transformations of the Cearense capital.

Keywords: Cafés; Literate Practices; Sociability; Mané Coco; Spiritual Bakery.

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX marca um período de impulso para a economia do Ceará, principalmente para a sua capital, que se transforma no principal entreposto comercial da província. A pecuária e o algodão são os principais fatores para o crescimento econômico. Fortaleza passa por uma série de mudanças devido as exportações de algodão, as transformações econômicas exigiam um acompanhamento de alterações nos campos da política, infraestrutura, sociedade, hábitos e costumes.

¹ Professor Mestre do curso de Pedagogia da UNINASSAU e da rede pública do município de Caucaia. Email: paulocfsa@outlook.com Telefone: +55 (85) 996054931

Como ocorreu em outros centros urbanos do país, os agentes remodeladores da capital cearense surgem a partir de setores comerciais em ascensão graças ao crescimento das importações e exportações e a um número de profissionais liberais vindos das academias de nível superior, como médicos, advogados, bacharéis e engenheiros.

Os exemplos a serem seguidos vinham das capitais na Europa, avançadas social e culturalmente, segundo os membros da elite local em desenvolvimento. Temos a construção da estrada de ferro Fortaleza - Baturité em 1873, a chegada de firmas estrangeiras, a construção de sobrados, grandes casas, bondes a tração animal e a rede de iluminação a gás carbônico.

Entre essas novas construções e o remodelamento urbano da cidade, temos os Cafés e Quiosques que começam a surgir em 1886, espaços fundados por alguns proprietários vindos do interior do Ceará ou da própria capital, os Cafés recebiam o público mais diversificado, passando por homens que vinham tentar a sorte em Fortaleza, expulsos de suas terras pelas secas, caixeiros, tipógrafos, até intelectuais de agremiações reconhecidas.

Temos o objetivo de analisar estes espaços que demarcaram o cotidiano da cidade na virada do século XIX para o XX assim como os diversificados grupos que praticaram estes locais. Os intelectuais que utilizavam estes espaços para encontros e conversas políticas e grupos que também almejavam uma identificação dentro da cidade, como caixeiros, estudantes e tipógrafos.

Temos como recorte temporal e espacial a cidade de Fortaleza, tendo como foco o centro da cidade que foi o espaço de maior concentração dos Quiosques e Cafés na cidade, o ano de 1886 marca, segundo Otacílio de Azevedo, a construção do primeiro Café da cidade de Fortaleza, “foi o primeiro a funcionar, e seu dono era o aracatiense Manuel Pereira dos Santos, o popular Mané Coco, que o ergue por volta de 1886” (Azevedo, 1992, p. 57). O ano de 1920 marca a demolição dos quiosques pela gestão do prefeito Godofredo Maciel, “remodelação da Praça do Ferreira, com a retirada de 4 kiosques de feição colonial que a enfeivavam...”² Após o ano de 1920 outros Cafés continuaram existindo pelo centro e também pela cidade, no período em que estiveram na Praça do Ferreira, os 4 quiosques, Java, Comércio, Elegante e Iracema, dividiram espaço com outros Cafés que foram se alojando em torno da Praça do Ferreira e se espalhando pelo centro da cidade, além de outras localidades de Fortaleza, mas tratamos dentro deste recorte o período de surgimento e desenvolvimento dos primeiros Cafés da cidade, os que segundo Mozart Soriano Aderaldo teriam “influenciado o surgimento de outros cafés

² ROCHA, José Moreira da. **Mensagem enviada a Assembléa Legislativa pelo desembargador José Moreira da Rocha, presidente do Estado.** Fortaleza, 19/05/1928. P. 10.

pelo centro" e seria após a demolição destes que haveria a "proliferação de mais Cafés pelo centro da cidade".³

Na obra organizada por René Rémond - *Por uma História Política*, podemos encontrar o artigo intitulado como "Os intelectuais" tendo como autor Jean-François Sirinelli, neste artigo além de trabalhar a ascensão do intelectual enquanto sujeito e objeto histórico, Sirinelli também apresenta as "redes" de relações dos intelectuais e um laço "ideológico ou afetivo" que gera uma sociabilidade, a sociabilidade passa então a ser compreendida, para ele, de outra maneira:

Na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As "redes" secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microsomo intelectual particular. Poderíamos multiplicar os exemplos de tais microcosmos. Assim, o meio dos jovens da Ação Francesa no período entre as duas guerras: o pensamento de Maurras e de Daudet lhe confere uma coesão ideológica, a página cultural de *L'Action Française* modela e depois reflete - quando esses jovens nela colaboram - uma sensibilidade, e a liga e sua organização estudantil lhe fornecem uma estrutura de recepção; mas esse meio pode se definir também por uma vida relacional: Philippe Ariès, por exemplo, escreveu, após ter evocado seus camaradas políticos dos anos 1930, que essa época foi para ele, acima de tudo, o "tempo da amizade" - tema recorrente, e portanto significativo, das lembranças de antigos maurrassianos -, e propunha alás aplicar o termo "sociabilidade" aos laços que uniam o pequeno grupo de maurrassianos ao qual ele pertencia. (Sirinelli, 2003, p. 252 - 253).

Esta outra maneira de se observar a sociabilidade pode ser compreendida através da observação do uso particular de um espaço, seja ele físico, como praças, parques, cafés, bibliotecas; ou um espaço escrito, como jornais, revistas, poemas e cartas. O que é apresentado por Sirinelli como uma "outra maneira de se observar a sociabilidade" é a compreensão dos usos em torno do afetivo e do ideológico como também a leitura de que mesmo a sociabilidade tendo um padrão comum para alguns espaços, existem variações de práticas em torno dos espaços de sociabilidade, o modo como se portar em um clube não será o mesmo modo com o qual se porta em uma praça, e grupos intelectuais ou não que também utilizam aquele espaço podem o fazer de uma maneira própria e particular, com a intenção de se distinguir dos demais que ali se encontram, e mesmo dentro de um grupo com características comuns entre os seus membros, podem existir aqueles com um modo próprio de se portar em determinado local. Falamos então da constituição de uma sociabilidade que poderia se manifestar pluralmente e em diversas áreas.

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um "pequeno mundo estreito", onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo "rede" para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de se perceber do que parece. Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de

³ ADERALDO, Mozart Soriano. **A Praça**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso, 1989.

forças antagônicas de adesão - pelas amizades que a subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa ampla dimensão. (Sirinelli, 2003, p. 248 - 249).

Ao tratarmos de intelectuais, os jornais, revistas e outros meios capazes de transpor e manifestar ideias os tratamos não somente como espaços de representação, mas também como um meio de sociabilidade, neles podemos encontrar letras que unem um pensamento, talvez comum, para membros de um grupo que ali se reúnem pela identificação, pela sociabilidade. As memórias e o tom de apreço por uma praça podem unir pessoas que queiram passar aquelas lembranças adiante, ou um grupo que se une para criticar as ações de um governo, mas para além das letras, o espaço passa a ser utilizado também como encontro da sociabilidade.

As letras se expandem e saltam das páginas dos jornais para ações cotidianas na cidade, a sociabilidade não é só do intelectual, mas com a sua busca de diferenciação dos demais membros da cidade, faz dos jornais e revistas e de espaços aparentemente comuns a todos, um espaço próprio, constrói ali o seu próprio nicho, uma maneira própria de se alimentar, de se vestir, de se comunicar.

A sociabilidade que buscamos aqui, se manifesta então para além da escrita, são ações que se manifestam no espaço, letrado, escrito nas páginas de jornais, mas também no cotidiano da cidade, nas praças e nos parques, nos cafés. Temos então este espaço como meio de manifestar a sociabilidade, entretanto, “O espaço geográfico não é humano porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e meio de toda a atividade humana”⁴. Para o homem a relação com o espaço vai além da extração e da exploração, ela é também de identidade. Uma via de mão dupla entre o urbano que é reflexo das ações do homem e o homem que é reflexo do urbano.

Essa relação entre homem e espaço parece ser uma herança histórica que vai além do que os textos podem nos mostrar, ela é cotidiana e constante. Ela é reveladora. Analisar a relação do homem, ou melhor, dos homens com o espaço é também ter contato com as contradições, explorações e invenções de um cotidiano passado ou presente permeado de pluralidades que nos ajudam a compreender provavelmente somente a ponta do iceberg que é a urbanidade e o espaço “racional” construído por sujeitos sociais.

O primeiro Café a ocupar uma das esquinas da Praça do Ferreira (esquina nordeste), foi também o que mais apareceu entre os registros sobre intelectuais no decorrer do século XIX e início

⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 1997. 7ª Edição. P. 13.

do XX, mediante a constante presença dos membros da Padaria Espiritual, o Café Java já passava a receber membros intelectuais desde 1890, alguns anos antes do surgimento da Padaria, mas foi este espaço em específico que ficou marcado como o primeiro Café da Praça e também o mais citado entre obras que retratam a intelectualidade local em nosso recorte. A partir daqui gostaríamos de analisar pontos importantes para este artigo, o proprietário do espaço, Mané Coco, e a sua relação com os padeiros, assim como a relação deles com o Café Java.

UM TAL CAFÉ JAVA

O pioneiro dos quatro Cafés que foram erguidos nas esquinas da Praça do Ferreira, o Café Java, teve como seu fundador o aracatiense Manuel Ferreira dos Santos, ou como ficou conhecido, o Mané Coco. Era reconhecido, para aqueles tempos como o "tipo mais singular de Fortaleza, alvo de imensa popularidade" (Girão, 1979, p. 127). Além de proprietário do Café, Mané Coco foi marcado pela sua relação com o espaço não só do Java, mas também da cidade, tendo outras ocupações, como a de "bombeiro", ele também foi registrado por alguns intelectuais em suas memórias e páginas de jornal, pelo trabalho que exercia, assim como a sua relação com os padeiros.

Fundado em 1886, o Java passou a dividir o espaço da Praça com mais três Cafés alguns anos depois, os dois primeiros a ocuparem os quiosques da Praça pós-inauguração do Java teriam sido o do Comércio e o Elegante, ambos erguidos pelo negociante Pedro Ribeiro Filho, que subsidiou as obras sob as condições de usufruir por si ou por terceiros, dos espaços por dez anos, sem a isenção de impostos e terminando o prazo, entregando ao patrimônio público (Girão, 1979). Já Gustavo Barroso (1940) aponta que o Elegante teria sido o último dos quatro.

Dois eram assobradados, o Elegante e o Comércio. O Café Iracema, era segundo Raimundo Girão (1979), "o mais procurado como casa de pasto", também segundo Girão, um dos proprietários do estabelecimento, Ludgero Garcia, possuía o dom de botequineiro, fazendo de seu Café uma hospedaria aos fregueses do interior, contanto que fizessem todas as suas refeições ali mesmo. O termo "casa de pasto" diz respeito a um espaço de almoço e/ou jantar, este tipo de refeição não faria parte do cardápio de um Café comum, mas tínhamos uma tática de sobrevivência para os Cafés, em meio a uma Província em crise econômica e os intelectuais que frequentavam estes espaços não pareciam lhes dar um retorno financeiro, eram necessárias maneiras para tentar manter o mecanismo funcionando, mais uma vez reforçando que os Cafés são estabelecimentos comerciais, mesmo que voltados para uma sociabilidade, necessitam de lucro para sobreviver. Algumas propagandas eram feitas em jornais e revistas de agremiações, em troca dos serviços prestados pelos proprietários dos

Cafés. Dos quatro Cafés nos quiosques da Praça do Ferreira, todos acabaram por funcionar como "casa de pasto", mas com maior movimentação no Iracema.

Mesmo afirmando a importância dos Cafés e o local onde estavam fixados para a intelectualidade local, é preciso lembrar que ainda neste período, principalmente durante a década de 1880, a Praça do Ferreira não tem o status de importância para a cidade que lhe é garantido na entrada do século XX, o Passeio Público, possui o tom de importância dos encontros locais. A Praça do Ferreira passa por uma série de mudanças que dá maior movimentação a praça e conseqüentemente aos Cafés.

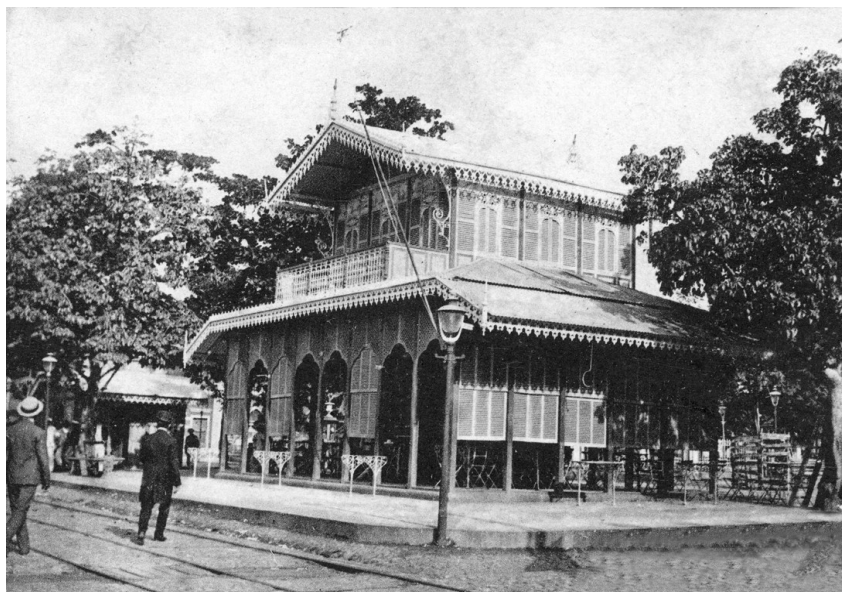
O que por muito foi apenas um terreno de areia onde se realizavam feiras de produtos agrícolas, passa no início do século XX por várias reformas, trazendo para a praça grades, canteiros, bancos, fazendo com que os Cafés passassem a ter um tom mais convidativo, o jardim 7 de setembro era uma boa atração para quem passava por ali, segundo Girão (1979), era possível, a partir desta reforma, que os proprietários estendessem mesas e cadeiras. Também foi erguido um chafariz entre os Cafés Iracema e Elegante, além de:

Vinte e oito lampeões a gás clareavam o jardim interno, enquanto fora deste mais vinte combustores auxiliavam na iluminação de todo o quadrilátero. Os quiosques concorriam para a melhor claridade do ambiente e, conseqüentemente, uma maior circulação dos pedestres. Esse movimento cresceria, sem dúvida, com a inauguração do Cine Polytheama (1910), dos bondes elétricos (1913/14) e do Cine Majestic (1917). (Aderaldo, 1989, p. 63).

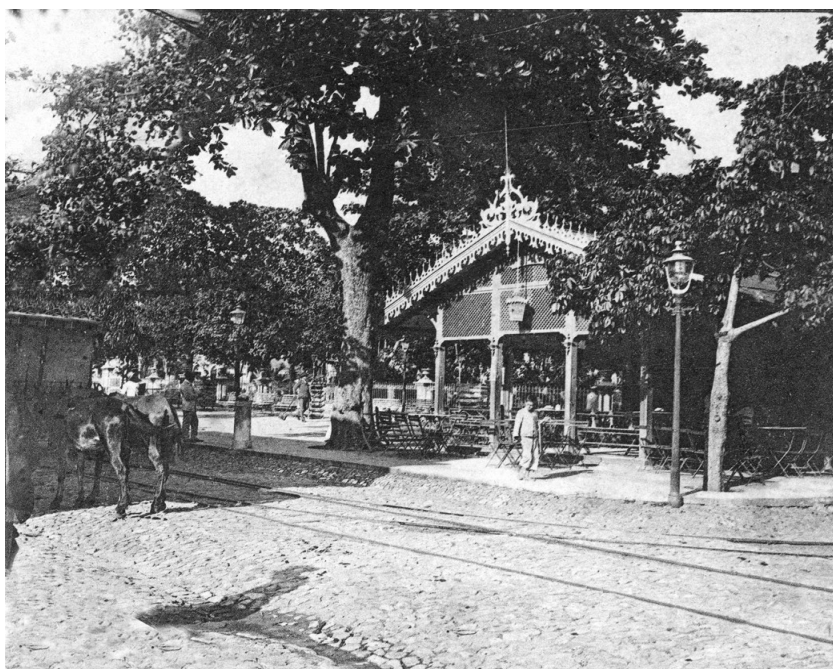
Temos então a compreensão de que não só o espaço delimitado aos quiosques constituía uma importância para o Café, mas todo o ambiente no qual ele estava inserido, as mudanças feitas no ano de 1902 na Praça do Ferreira e em suas proximidades, afetavam diretamente as ações nos Cafés.

O Café Java não era então o maior Café da praça em termos físicos, tampouco o mais movimentado enquanto casa de pasto, o que então fez Mané Coco e sua propriedade ganhar destaque mediante os demais espaços da cidade? Desde 1890 frequentado por intelectuais, o Java e seu proprietário passam a ganhar destaque em revistas e jornais de época e posteriormente. Quanto às diferenças de estrutura, podemos observar nas imagens a seguir os Cafés assobradados:

HISTÓRIA E CULTURAS



Café do Comércio. Arquivo Nirez.



Café Java, Arquivo Nirez.

As estruturas se comparadas ao Café Java, são bem diferentes, o Comércio e o Elegante possuíam um tamanho maior em relação ao Java e ao Iracema, é possível mais uma vez observarmos a

Praça do Ferreira com muitas árvores, os bondes a tração animal e as vestimentas da população que frequentava os Cafés.

UM TAL MANÉ COCO

Um fator é imprescindível ao analisarmos o Java e Mané Coco, a presença dos intelectuais é um fator de distinção mediante os outros estabelecimentos, principalmente ao se tratar da Padaria Espiritual, não entrando nos méritos ou deslizes cometidos pela agremiação mediante o seu tempo de existência, é conhecido o seu destaque na atuação intelectual pela cidade, a sua presença nas mesas do Café Java acabou por gerar uma ligação íntima entre os padeiros, o mecanismo de sociabilidade e o seu proprietário.

Nos estatutos da agremiação podemos observar algumas das ligações com o Café e com o Mané Coco, vejamos:

16) Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte.

17) O Padeiro que for pegado em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.

45) Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mané Coco a terminar o serviço da "Avenida Ferreira". Estatutos da Padaria Espiritual. 30/05/1892. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/espi.html>. Acesso em: 29/03/2014, 18:30 min.

Os dois primeiros estatutos citados (16 e 17) levavam em consideração o pagamento de café e charutos para todos os membros, no próprio Java. As punições seriam feitas mediante o não cumprimento de traços que marcavam os intuítos da padaria Espiritual, principalmente em sua primeira fase, como o humor, por exemplo. Já o estatuto 45 marcava uma das características de Mané Coco, um homem instruído na arte de trabalhar em diversas áreas, cuidando do Café, marmorista, "bombeiro", pintor... Um dos aspectos defendidos pela Padaria era a reforma de alguns espaços considerados importantes por eles, em um desses seriam utilizadas as aptidões de Mané Coco.

Gostaria também de destacar outros estatutos que nos chamam atenção em relação à construção da agremiação:

24) Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

25) Dirigir-se-á um apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da "Padaria".

27) Será registrado o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis.

30) A "Avenida Caio Prado" é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da Padaria.

32) A "Padaria" representará ao Governo do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de idéias.

39) As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio excetuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes. Estatutos da Padaria Espiritual. 30/05/1892. <http://www.jornaldepoesia.jor.br/espi.html>. Acesso em: 29/03/2014, 18:30 min.

Os estatutos 24, 25 e 32 dizem respeito à formação de uma biblioteca, chamando a atenção para o emprego de meios lícitos e ilícitos para que ela venha a obter obras, o termo 32 diz respeito às críticas ao horário de funcionamento da Biblioteca Pública. Os estatutos 30 e 32 trazem informações, respectivamente, a preservação de um espaço considerado pelos padeiros como importante no que diz respeito à ideia de "civilização" defendida pelos mesmos, logo deveria ficar sob os seus cuidados e a participação das mulheres no meio intelectual, dando destaque às categorias das fumistas, freiras e "professoras ignorantes". A Padaria manifestava em seus escritos a preocupação com alguns espaços da cidade, o Parque da Liberdade, local onde praticavam uma sociabilidade baseada na paquera e no namoro naquele parque, também se mostravam preocupados com algumas ruas da cidade.

Para remetermos à figura popular de Mané Coco e a sua relação com os padeiros, algumas fontes acabam ganhando destaque, os relatos específicos sobre ele, feito por Raimundo de Menezes (2006) e Gustavo Barroso (2000), além das páginas de revistas e jornais da época que faziam referências à figura de Mané e ao Café Java. Tomando por início os registros de Menezes:

O Mané Coco do Café Java: A mocidade elegante e intelectual que fez época em Fortaleza, pelas alturas do ano de 1892, tinha o seu ponto obrigatório no Café Java, um quiosque modesto armado no canto da Praça do Ferreira, em frente ao edifício da Rôtisserie Sportman, hoje ali localizada. Era naquele local que reinava a boêmia literária, que fez furor e caiu no gosto do público, e de que nasceu a famigerada Padaria Espiritual, marcando uma das épocas mais curiosas da história do Ceará. O Café Java tinha na figura do seu proprietário, que se chamava Manoel Pereira dos Santos, e atendia pela alcunha Mané Coco, um dos tipos mais bizarros da Fortaleza daqueles tempos. O Mané Coco segundo a descrição feliz de Antônio Sales “era um excelente homem, muito inteligente, embora destituído de cultura, sempre corretamente vestido de um terno de fraque de cor cinza, sempre com uma grande

rosa à lapela, e com a originalidade de nunca usar gravata, e a exclusão da gravata o excluía de todas as festas e solenidades” (Menezes, 2006, p. 156).

As primeiras descrições do porte físico de Mané Coco apontam para dois lados que nos chamam a atenção, o primeiro é o reconhecimento dado a Mané Coco, enquanto um homem de caráter, inteligente, mediante os seus vários afazeres, mas ainda assim, destituído de cultura. Era um homem que vinha do interior, aracatiense, não possuía o mesmo caráter intelectual dos membros da Padaria, por mais que arriscasse declamar alguns versos. O segundo ponto diz respeito ao seu "tipo", um homem com roupas extravagantes, que recusava gravata, essa recusa lhe causava a exclusão de festas e solenidades, segundo Menezes. É preciso lembrar-se de alguns fatores que passaram a ser utilizados como fator de distinção pelos intelectuais, o seu paletó, o falar, gestos, a escrita, a fala. Existia uma sociabilidade em torno da afetividade, tanto com o Java como com o seu proprietário, mas Mané Coco mesmo cercado por membros da Padaria e convivendo cotidianamente com eles, não era um deles. Seguindo com as descrições de Menezes acerca de Mané:

Espírito alegre e folgazão tinha, todavia, uma alma generosa e era de verse aos sábados, à sua porta, uma chusma de mendigos, a quem distribuía esmolas, com a frase habitual: *Vá trabalhar, meu amigo, pois quem não trabalha não tem direito à vida! Pilhérico, para tudo tinha a sua piada predileta. Leitor apaixonado de Guerra Junqueiro, sabia de cor e salteado o Dom João e, diznos Antônio Sales, a propósito de tudo e sem propósito algum recitava trechos do imortal poema. E é ainda o auto do Aves de Arribação quem narra: “Se ele via passar em frente ao Java alguma decaída decadente, lá vinha uma citação de Dom João: Nó somos, D. João, as pálidas amantes Que tu assassinastes a rir e a cantar. Se passava um enterro de criança. dizia: Deixai, deixai voar as andorinhas Em busca das paragens luminosas. E se era uma moça bonita, ele exclamava: Oh, maravilha Da eterna formosura!* (Menezes, 2006, p. 156 - 157).

No âmbito das transformações sociais vivida por Fortaleza, os mendigos citados acima podem ser retirantes de secas, pessoas vindas do interior em busca de emprego ou tipos comuns da cidade que não viviam aquela ânsia e euforia pelo espelho europeu de cidade defendida por muitos intelectuais. O trabalho se fazia um escudo sempre presente nas falas da gestão em defesa da dignidade e do reconhecimento justo, Mané Coco parecia ser um homem muito atarefado, com várias funções, provavelmente viria daí a defesa do trabalho dando direito à vida. Um homem que aparentava ler e gostar de poemas, ainda assim um dono de Café e não um intelectual entre os padeiros.

Nas horas vagas das labutas do Café, que dirigia com uma notável proficiência, davase à mecânica, consertando toda espécie de relógios e de máquinas de costura, dos quais, não raro, contavam as más línguas, sobravam peças, que eram

honestamente, desenvolvidas, num embrulho, ao seu legítimo proprietário. Devido à sua popularidade, um dia, aos primeiros tempos da República, se lembraram os amigos de fazê-lo subdelegado de polícia, cargo que exerceu até que, sem um motivo plausível, com um simples telefonema, foi demitido. Eis como, indignado, comentava o acontecido. Isto é lá terra! Pois se chama um homem de bem ao telefone, em sua casa, para dizer: Estois demitido! Mané Coco, quando havia qualquer incêndio na cidade, era chamado, com urgência, para apagá-lo, sozinho, armado unicamente com dois baldes de madeira e uma machadinha, e desse modo, acumulava ele as funções de corpo de bombeiros, naquelas priscas eras... (Menezes, 2006, p. 157).

Eis algumas das várias funções de Mané Coco demonstradas acima, um tipo popular, com dedicação a ajudar onde precisasse de seus serviços, o cargo de subdelegado parece ter sido apenas uma maneira de tentar dar-lhe uma importância maior, parece não ter passado de uma ideia falha.

Mas a sua inclinação acentuada era, porém, pela classe dos literatos e dos poetas, que, no Java tinham uma acolhida caridosa e franca. Assim é que, sob o teto do seu popular quiosque de madeira, nasceu, com a sua ajuda material, a célebre Padaria, ideada por Lopes Filho, Ulisses Bezerra, Sabino Batista, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e Antônio Sales. As primeiras reuniões preparatórias, em maio daquele ano, fizeram-se no Java, num recanto que o Mané Coco preparara com requintes especiais, para a rapaziada intelectual. E quando a padaria andava em franca prosperidade, Mané Coco jamais esqueceu de festejar o aniversário de um padeiro. conforme o depoimento de Antônio Sales, embandeirava em arco o Café Java, iluminava à noite, fazia uma enorme jarra de aluá, para dar de graça aos fregueses e elaborava um balão monstro, de dez metros de comprimento, com o letreiro Padaria Espiritual, para, dizia ele, levar o Padre Eterno a notícia dos nossos feitos. E assim o nome Manoel Pereira dos Santos, o popular Mané Coco, está ligado à história da maior sociedade literária de então, a qual, até hoje, é lembrada com saudades pelos fortalezenses, que assistiram ao glorioso apogeu da Padaria Espiritual. Quando se escreve a história do Ceará literário, o nome do Mané Coco não poderá se olvidado, como Mecenas daquele pugilo de moços que teve a sua época, dentro da pasmaiceira sonolenta da Fortaleza daqueles tempos... (Menezes, 2006, p. 158 - 159).

Os relatos de Menezes sobre Mané Coco levam ao desenho de um homem simples, sortido de afazeres, mas que parece à sua maneira tentar se encontrar entre membros de uma agremiação que acabava por meio daquele espaço criando o seu nicho e estabelecendo barreiras que determinavam quem poderia ou não compartilhar daquele meio. Mané Coco aparece enquanto um homem que buscava se vestir bem, à sua maneira. Gostava de poesia, declamava e tratava os membros da Padaria com o que constatamos enquanto uma *sociabilidade afetiva*, práticas citadas acima, o cuidado em um recanto especial dentro do Java para as reuniões dos padeiros, as primeiras reuniões todas em seu estabelecimento e claro, as festas de aniversário, a jarra de aluá, o balão, o arco, práticas afetivas que geram a sociabilidade que tratamos entre Mané Coco e os padeiros.

Outro intelectual que deu destaque ao proprietário do Café Java em suas memórias foi Gustavo Barroso (2000):

Ao lado desses amigos fixo, um amigo volante, Manuel Pereira, vulgo Mané-Coco, marmorista e fundador do Café Java, à praça do Ferreira, o mais antigo café do Ceará. Passa pelo meu quateirão e pára uma vez por outra à porta deste ou daquele para dar dois dedos de prosa. Sempre de branco. Sempre de chapéu de palhinha. Sempre com uma rosa ao peito. Abordoo um dia, já familiarizado de tanto o ver por ali, e peço um pedaço de mármore. Para quê? indaga com um sorriso. Para fazer o túmulo da gata Cotozinha e de seus dois filhinhos que o caboclo Tomás matou, lá no fundo do quintal, explico. Acha muita graça e promete: Quando passar por aqui doutra vez, trarei. Os meninos acreditam em todas as promessas. Espero confiante. Cumprea. Trazme uma lápide de meio palmo quadrado, muito branca. Graças e ele, as vítimas do caboclo têm seu monumento funerário, com uma cruz gravada a ponta de prego, os nomes e a data do crime. (Barroso, 2000, p. 193-194).

Barroso descreve também o que vimos anteriormente quanto às vestimentas de Mané Coco, dando destaque a rosa em seu peito. O pedaço de mármore que pediu ao proprietário do Java destaca mais uma vez as outras atividades exercidas por Mané, além de trazer mais um pouco do tipo humilde ao qual lhe era atribuído.

Mané-Coco tem a mania de ser o bombeiro voluntário de Fortaleza. Sentiu cheiro de incêndio, bate lá. Carrega água para apagar o fogo. Isola, metendo o machado nos telhados, os prédios vizinhos. Salva as vidas ameaçadas. Passa com denodo por cima das cumeeiras esbraseadas sobre as fornalhas que surge cá, em baixo. E não ganha nada com isso. (Barroso, 2000, p. 193-194).

Outra atividade que volta a ser retrada é a de bombeiro, não muito divergente das demais descrições que ressaltavam esta ação por parte de Mané Coco, mas vale observar mais uma vez que o serviço era feito, segundo os relatos, de maneira bem amadora, utilizando apenas o seu machado e alguns baldes para carregar água, na citação de Barroso também observamos que Mané Coco fazia esta atividade por puro e simples gosto, sem receber algum reconhecimento financeiro, aparentemente.

Na vida comum, sem incêndios o homem mais medroso deste mundo, salvandose das entaladelas com espírito. É a tábua de bater roupa, o armazém de pancadas da cidade. Quem se exercita a brigar experimentase no Mané-Coco. Uma feita, os terríveis cadetes da Escola Militar o ameaça com uma boa tunda, se lhes não der, gratuitamente, no Café Java, um jantar de substância. Prometelhe de pedra e cal um jantar de galinha. No dia aprazado, o bando abancase na mesa já preparada e florida. Ele ordena ao criado: Seu Chicó, sirva o jantar de galinha a esses meninos. O Chico põe cerimonialmente diante de cada convidado forçado um prato cheio de grãos de milho. Os cadetes entreolhamse, surpresos. Um reclama. E ele, com a mais fingida

ingenuidade: Estou cumprindo a promessa. Jantar de galinha não é milho? Acham muita graça e deixamno em paz Mané-Coco morreu. Foi no caixão com a sua eterna flor na lapela. Sua alma deve vaguar pela eternidade, toda de branco, sempre com a rosa ao peito. (Barroso, 2000, p. 193-194).

Ao final de seus escritos sobre Mané Coco, Barroso fala de um homem acovardado ao ser desafiado fisicamente, mas ao mesmo tempo pilhérico, sem perder o bom humor, podemos notar nesta citação a possível presença de um empregado no Java, "Seu Chicó". A morte de Mané Coco não é datada, mas ao citá-la lembresse de mais uma vez o que era umas de suas marcas, a flor ao peito.

Antônio Sales (2010), membro da Padaria Espiritual, não deixou de lembrar em seus *Retratos e Lembranças* a própria Padaria, o Café Java e Mané Coco, alguns dos escritos de Sales já foram incorporados na obra de Menezes (2006), mas alguns pontos não tratados anteriormente nos chamam a atenção:

Esta noite, ao sair do cinema, parei defronte dos destroços fúnebres do Café Java, sacrificado à estética da Praça do Ferreira, que é o centro vital de nossa urbs. E nessa contemplação veiome uma grande tristeza e uma grande saudade. Ali reinou Mané Coco, o fundador dessa instituição popular que era o café hoje desaparecido. Mané Coco, de seu verdadeiro nome, Manoel Pereira dos Santos, era um homem excelente, muito inteligente, embora destituído de cultivo. A sua única erudição consistia no conhecimento do Dom João de Guerra Junqueiro, que ele sabia de cor de ponta a ponta e do qual recitava trechos a propósito de tudo ou mesmo sem propósito algum. Sempre corretamente vestido de um terno de fraque cor de cinza, sempre com uma grande rosa à lapela, ele tinha a originalidade de nunca usar gravata, e a exclusão da gravata o excluía de todas as festas e solenidades. Com muita habilidade para mecânica, consertava toda a espécie de máquinas, especialmente as de costura e relógios. Quanto a estes, contase que ele devolvía ao proprietário um embrulhinho com algumas peças que haviam sobrado. (Sales, 2010, p. 15).

As memórias de Antônio Sales neste momento retratam provavelmente o período da administração de Godofredo Maciel, que em outubro de 1920 mandou derrubar os quatro quiosques da Praça do Ferreira, juntamente com uma série de mudanças feitas na capital naquele momento, na busca de modernizar a cidade, segundo o prefeito, os quiosques tinham um ar colonial, o que não condizia com o modelo estético pretendido por ele para a cidade. O quiosque que alojava o Café Java foi destruído neste processo. Sales retrata então o momento em que estaria diante dos destroços do Café que tanto havia frequentado, segundo o seu relato, o fator que levou a demolição do estabelecimento foi realmente à estética da Praça e da cidade, neste momento já temos a Praça do Ferreira mais consolidada no cenário local, segundo Sales, "o centro vital de nossa *urbs*". Além de alguns fatos já trabalhados anteriormente, Sales fala da saudade que sente de Mané Coco e do Café ao observar os destroços.

Mané Coco foi, a princípio, um nômade aventureiro: andou pelo norte e pelo sul, correu Seca e Meca, e afina achou no Café Java um ponto de apoio e uma fonte segura de receita. Fixouse ali e prosperou. Alegre e generoso, distribuía pilhérias e versos de Dom João com os fregueses e mil réis com os pobres. Mas a estes dizia sempre: Vá trabalhar, meu amigo, pois quem não trabalha não tem direito à vida! Numa revista de ano do ano de 1892, creio escrita por A. Peixoto e por mim e representada com sucesso no antigo Teatro S. Luiz, aparecia em cena o Café Java com o Mané Coco, que era maravilhosamente imitado por um rapaz da Escola Militar, de nome Pinheiro. Se ele via passar em frente ao Java alguma decaída decadente, lá vinha uma citação de Dom João: Nós somos, Dom João, as pálidas amantes Que tu assassinastes a rir e a cantar. E se era uma moça bonita, ele exclamava: Oh, maravilha da eterna formosura! E se passava um enterro de criança: Deixai, deixai voar as andorinhas Em busca das paragens luminosas. Nos primeiros tempos de República, Mané Coco foi nomeado subdelegado da Capital e um dia, não sei por que, demitido. Indignado, ele comentava assim o caso: Isto é lá terra! Pois chamavase um homem de bem ao telefone, em sua casa, para dizer: estois demitido! (O tratamento vós tinha comentado a ser posto em voga e dava lugar, como ainda hoje, a flexões errôneas.) Mané Coco, que antes do Java já possuía um Estaminet, tinha o gênio do cabaretier: em Paris ele estaria à frente de um dos famosos cafês excêntricos de Montmartre. (Sales, 2010, p. 15-16).

Antônio Sales descreve aqui alguns pontos até então não descritos sobre Mané Coco, o proprietário do Java é dito como um tipo aventureiro, nômade, que fez viagens, à procura de alguma estabilidade financeira, talvez. Os detalhes descritos levam a compreensão de que o Café Java havia sido uma renda estável para Mané Coco, fazendo com que o aracatiense se fixasse ali. Mesmo com a presença dos intelectuais que não aparecem como grandes consumidores nos relatos sobre o Café, as atividades do Java pareciam então gerar algum lucro a Mané Coco, podemos ressaltar as atividades enquanto casa de pasto e a presença de outros populares no estabelecimento.

Com mais detalhes do que nas memórias de Menezes (2006), o trecho também ressalta o tratamento dado a dois tipos distintos, versos aos fregueses e 1000 réis dados aos pobres. Sales cita uma peça escrita por ele próprio na qual houve uma encenação do Café Java e de Mané Coco, que foi interpretado por um rapaz da Escola Militar chamado Pinheiro, esta peça foi descrita na ACL (Academia Cearense de Letras), sob o título de Antônio Sales e sua época, falaremos dela no próximo tópico. Sales afirma ao fim que Mané Coco já possuía antes do Java um *Estaminet* (outro Café?), Mané teria o gênio do *cabaretier* (Comediante?) e que em Paris dirigiria um dos Cafês de Montmartre (Bairro parisiense). O reconhecimento de Sales quanto à figura de Mané Coco nos leva mais uma vez ao desenho dual de um homem que ficava entre a linha do intelectual e do sujeito comum socialmente.

Essa sua aptidão se manifestava pela sua simpatia aos intelectuais: João Lopes, Justiniano de Serpa, Oliveira Paixa, Antônio Martins e todos os jornalistas e escritores do seu tempo o estimularam e recebiam dele todas as provas de consideração. E foi no Java que, com a colaboração material de Mané Coco, nasceu a Padaria Espiritual. Éramos um pequeno grupo de rapazes Lopes Filho, Ulisses

Bezerra, Sabino Bastista, Álvaro Martins, Temístocles Machado, Tibúrcio de Freitas e eu, que ali nos juntávamos a uma mesa para conversarmos de letras (...)

Terminava assim a época em que o Mané Coco, festejando o natalício de um Padeiro, embandeirava em arco o Café Java, iluminava à noite a giorno, fazia uma enorme jarra de aluá para dar gratuitamente aos fregueses e elaborava um balão monstro, de dez metros de comprimento, com o leteiro PADARIA ESPIRITUAL, para, dizia ele, levar ao Padre Eterno a notícia de nossos feitos. (Sales, 2010, p. 18 - 20).

Ao fim dos trechos escritos por Sales sobre Mané Coco, é ressaltada a simpatia do proprietário do Java aos intelectuais. Antônio Sales, ao menos em suas memórias, passa um ideal de importância e afetividade tanto a Mané Coco e ao Café Java, colocando ambos em um patamar de destaque quanto às referências a Padaria Espiritual. Em seu livro também destaca as práticas de Mané quanto ao "natalício de um Padeiro", enfeitava o Café e fazia questão de destacar que ali estavam os membros da Padaria, pela afetividade e por que não pela propaganda? O balão de dez metros seria então para chamar a atenção do "Padre Eterno" quanto aos feitos dos Padeiros.

Mané Coco também ganhou algumas linhas em jornais, no *Pão*, da Padaria Espiritual teve a seguinte publicação:

Fumaça

Branquinho como a fumaça de um bom charuto, esbelto e elegante como uma... vespa.

É uma reputação feita. Póde deitar-se na *cama* porque já criou a fama bastante para immortalizar-se.

Consta que o Arthur já falou com o Mané Coco para executar em marmore o busto do Fumaça, afim de collocar-o sobre a prateleira da pharmacia. JUREMA. Moacyr/ Antônio Sales. *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 2/2. 30 de Outubro de 1892. P. 4.

Não se sabe ao certo quem seria a figura do *Fumaça*, mas seriam invocadas as habilidades de marmorista de Mané Coco para construir em mármore o busto do tal. Em outra publicação do *Pão*: "No Java - Leve este café... está detestavel ! Depois que o Mané Coco deu para marmorista, parece que vocês fazem café com pó de... marmore" Jornal: *O Pão...* Da Padaria Espiritual. Anno I. Número 3. 6 de novembro de 1892. P. 4. Autor: Não mencionado. No próprio jornal da agremiação que frequentava o Café Java e tinha tanto afeto a Mané Coco, uma crítica ao seu café, que devido às várias ocupações de Mané Coco, parecia agora não agradar a algum cliente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Cafés se mostraram muito mais do que espaços comerciais, os usos que observamos aqui foram os mais diversos possíveis. Local para entrega de cartas, espaço de descanso para os caixeiros cansados, escritório de agremiações, pontos de observação da cidade e de seus habitantes. São muitas as práticas possíveis em um Café.

Os quatro Quiosques demolidos da Praça do Ferreira transmitem um pouco da tristeza de quem lida com a dificuldade da preservação de qualquer patrimônio, foram retirados dali como muitos outros espaços demolidos em nome de uma modernização vã. Pudemos analisar e afirmar que os Cafés não são os espaços fundadores de uma sociabilidade local, mas que passam a ganhar muito destaque e terreno, principalmente com os intelectuais. O seu crescimento não foi linear, passando por altos e baixos mediante as modificações ao seu redor.

A sua utilização não foi imediata e a definição enquanto Café não traduz totalmente os seus usos. Vimos as transformações no Java, o pioneiro dos Cafés em Fortaleza. A relação não era mantida apenas com o Café, dada a importância de Mané Coco para os Padeiros, pudemos observar que a Padaria Espiritual teve seu nome ligado diretamente ao Java, mas não foram eles os primeiros intelectuais a se reunirem ali. A sociabilidade se mostrou forte entre os Padeiros, Mané Coco e o Java, não somente enquanto uma sociabilidade intelectual, mas a afetividade nas ações se mostrou quase sempre presente.

A figura do proprietário do Café Java, o primeiro da cidade, para nós é um dos fatores que leva a sociabilidade dos membros da Padaria, em específico, a este local. Um tipo dúbio, homem de muitos fazeres, do interior, que tinha uma ligação de afeto muito próxima aos membros da agremiação, mas tinha lá os seus traços de distinção, quase como um intelectual, mas que não conseguia as vias, ser identificado como um. Com a análise da relação de Mané Coco com alguns dos intelectuais e já de alguma forma mostrando a relação destes com o espaço físico do Java.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Correspondência Cordial**: Capistrano de Abreu e Guilherme Studart. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura, 2003.

AMED, Fernando. **As Cartas de Capistrano de Abreu**: Sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

AZEVEDO, Sânzio. Grêmios Literários do Ceará. In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará**. Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

BARROS, Roque Spencer M. “Vida Religiosa. / A Questão Religiosa.” In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II, Vol. 4. 2 ed. São Paulo: DIFEL.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza. **Rápida Notícia Sobre o Ceará destinada a exposição de Chicago**.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu** (tentativa bibliográfica). Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 2ª edição, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 7ªed. São Paulo: Contexto, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (Org.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. (org.) e MALERBA, Jurandir. (org.). **Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar.** São Paulo: Papirus Editora, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. Literatura, imprensa e política. In: SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (orgs.). **Intelectuais.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **Padaria espiritual.** Biscoito fino e travoso. 1º ed. Fortaleza: secretaria de cultura e desporto do ceará, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial / O teatro das sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / RelumeDumará, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. 1.** Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. (1995). “The world as representation (1989)”. In: REVEL, J. e HUNT, L. (orgs.) **Histories.** French constructions of the past. Trad. De Arthur Goldhammer. Nova York: The New Press.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos: progressismo e reação tradicionalista no ceará provincial.** São Paulo: Annablume, 1997.

HISTÓRIA E CULTURAS

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos Decisivos**. 7 Ed. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, vol. 3, 1968.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

FAUSTO. Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 1995.

FERNANDES, Ana Carla S. **A Imprensa em Pauta: entre as contendas e as paixões partidárias dos jornais: Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História Social defendida na Universidade Federal do Ceará, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). **História geral da Civilização Brasileira. Tomo II: O Brasil Monárquico**. 5º Volume: “Do Império à República”. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1942.

LINS, Ivan. **História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.

MARTINS, José de Souza. **O Poder do Atraso: Ensaios de Sociologia da História Lenta**. 2 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.

MELO, Josemir Camilo de. “Ceará: Abolição Precoce ou Crise Econômica.” In: MONTENEGRO, João Alfredo de S. et alli. **Abolição da Escravatura no Ceará: uma abordagem crítica**. Fortaleza: NUDOC/UFC, s.d.

MENEZES, Djacir. “Prefácio” a ROCHA LIMA, ROCHA LIMA, R. A. da. **Crítica e Literatura**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

MOTA, Carlos Guilherme. **Idéia de Revolução no Brasil (1789-1801)** – Estudos das formas de pensamento. Petrópolis: Vozes, 1979.

ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso: maçons cearenses no Império.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

PINHEIRO, Francisco José. O Processo de Romanização no Ceará. In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque.** Fortaleza: FDR/Multigraf, 1993.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil.** Brasiliense: São Paulo, 1945.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.**

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas.** Formas Literárias e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro. São Paulo, 1977.

SILVA, M. A. F. Humor, **Vergonha e Decoro na Cidade de Fortaleza (1850-1890).** 1. Ed. Fortaleza: Museu do Ceará - SECULT, 2009.

SMITH, Adam. **Uma Investigação Sobre a Natureza e Causas da Riqueza das Nações.** São Paulo: Hemus Editora, 1981. Trad. Norberto de Paula Lima.

SOUZA, Simone de (org). **Uma Nova História do Ceará.** - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

SOUZA, Simone de (Coord.) **História do Ceará.** 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.